

# A República e as Letras



BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## **REPÓRTER X. O ARTESÃO DO FINGIMENTO**

### **RESUMO**

Reinaldo Ferreira ou o Repórter X foi, durante o tempo da nossa Primeira República, um caso inédito de jornalismo de sucesso. Muito embora as suas reportagens fossem adornadas com elementos retirados da sua imaginação, era essa sua original criatividade que cativava definitivamente os leitores. Homem de letras, ligado ao movimento futurista, distinguiu-se na novela policial, em peças de teatro e cinema e na ficcionada reportagem futurista.

**PALAVRAS-CHAVE:** República; Futurismo; Reinaldo Ferreira; Repórter X; Jornalismo.

307

## **REPORTER X. THE CRAFTSMAN OF MAKE-BELIEVE**

### **ABSTRACT**

Reinaldo Ferreira, a.k.a. Reporter X, was an unprecedented case of successful journalism during the period of the First Republic in Portugal. Although many of his reports were adorned with elements derived from his imagination, it was definitely this creative originality that captivated his readers. As a man of letters connected to the Futurist Movement, he achieved success in crime writing, in theater and in film as well as in Futurist fictionalized reporting.

**KEYWORDS:** Republic; Futurism; Reinaldo Ferreira; Reporter X; Journalism.

## Introdução

Quem passar os olhos pela história da nossa *Primeira República*, decerto se aperceberá que está perante um tempo de intensa controvérsia ideológica e de apologia de paradigmas, a maioria destes importados. Facto que não poderá deixar de ser entendido como natural, sobretudo ao ter-se em conta a presença de uma dinâmica revolucionária, manobrando no seio de um ambiente social onde formigavam a intriga, a intolerância, a conjura, mas onde existiam também sentimentos de altruísmo, de amor pátrio e de dádiva e entrega a causas.

Sendo esta uma conjuntura com marcas muito próprias, não deixava a mesma, todavia, de reflectir o que ia acontecendo na cena internacional de um continente europeu atravessado por um ciclo histórico de grandes comoções sociais, políticas e geográficas: violência e assassinios políticos, guerras totais, queda de impérios, novas fronteiras e novas nações, colapsos financeiros, movimentos de massas, ruptura de conceitos, choques entre o *velho* e o *novo*. Eram dores de metamorfose numa Europa que, talvez conduzida por essas energias incoercíveis a que alguns chamam *Ventos da História*, teimava em ser uma outra realidade.

Entre nós, os factores que conferiram feição especial ao período histórico que designamos por Primeira República, foram, para além dos acontecimentos em si próprios, o ritmo, frequentemente vertiginoso, a que os mesmos ocorreram e, aspecto não menos importante, a intensa carga de dramatismo que efectivamente tiveram ou lhes foi emprestada pela opinião pública. Esta constituía então uma realidade forte e era alimentada, mormente nas cidades e vilas mais importantes, por uma comunicação social baseada principalmente em jornais e revistas, com abundância de texto e imagem. Para noticiar tantos e tão diferentes ocorrências, sucessos, factos e para defender tantos e tão variados pontos de vista, publicava-se diariamente uma infinidade de jornais, os quais, na grande maioria dos casos, não deixavam de estar intimamente ligados a interesses partidários e ideológicos. Em boa verdade, todos os centros e capelas partidárias queriam ter a sua folha, para dar a conhecer as suas especialíssimas visões das coisas e das pessoas e também para combater e contrariar as opiniões adversas, neste campo se travando, frequentemente, verdadeiras guerras de papel.

No meio duma tão densa selva de publicações, algumas delas, porque nascidas de súbitos e inconsequentes impulsos pessoais ou ao sabor de meras conjunturas de momento, tiveram vida efémera e não alcançaram o grande público. Outras, porém, tornaram-se apreciadas e mercê do forte impacto que tiveram na opinião pública, fizeram caminho relativamente firme e longo. Neste contexto, tiveram grande circulação o jornal humorístico e a caricatura, atingindo esta, espantoso nível de criatividade e de arte, principalmente a partir do traço satírico e verrinoso de um Silva Monteiro, de um Stuart de Carvalhais ou de um Francisco Valença.

Em torno desta intensa e frenética actividade jornalística agitava-se uma série longa de profissionais de imprensa, designadamente, cronistas, articulistas, caricaturistas, críticos, repórteres. A reportagem era então (como ainda hoje o é) a rainha das peças jornalísticas e, conseqüentemente, muitos eram os repórteres, sendo que as suas ferramentas eram, tão-somente, a caneta e, por vezes, a máquina fotográfica.

Nesse difícil, porém sedutor trabalho, destacou-se, muito para além dos seus confrades, Reinaldo Ferreira, o famoso Repórter X, como um caso totalmente *sui generis*, uma maneira diferente de fazer reportagem, um modo próprio de estar no jornalismo. Figura ainda hoje embrulhada num misto de realidade e de lenda, Reinaldo Ferreira foi no seu tempo, no plano nacional e mesmo no plano internacional, reconhecidamente, um ás do jornalismo de investigação e da reportagem sensacional, demonstrando ser possuidor de uma rara sensibilidade para assuntos policiais. Dele diria Artur Portela (Pai) - um outro grande repórter - o seguinte: “Foi um milagre do jornalismo que não volta a repetir-se”<sup>1</sup>.

É verdade que a sua prodigiosa imaginação, permanentemente inquieta, levou-o, por vezes, a fantasiar e a alterar os factos, mas é preciso lembrar que Reinaldo não colocou nisso senão a intenção de tornar a notícia ou a reportagem mais atractivas, considerando afinal que a realidade, tal e qual ela se mostrava, não era suficientemente bela e interessante para os leitores de jornais, sobretudo para os seus leitores. Se atendermos a em que tudo se passou numa época durante a qual o rigor da notícia nem sempre era, em si mesmo, um objectivo e em que,

---

<sup>1</sup> E. Sucena, *O Fabuloso Repórter X*. Lisboa : Edições Vega, 1996, p. 11.

com frequência, a especulação excedeu a realidade, acabaremos por considerar que foi relativamente admissível a actuação de Reinaldo, mormente quando a cotejamos com a de muitos outros seus contemporâneos, cujas deturpações da verdade serviram interesses bem menos nobres.

Reinaldo amava e conhecia a sua cidade melhor que ninguém: os seus habitantes, cada rua, cada viela, cada beco, todos os animatógrafos, todos os dancings, lupanares e cafés da baixa e as *fumeries* de ópio das Avenidas Novas. Contudo, nem sempre o velho burgo lhe oferecia matéria à altura das suas quentes e palpitantes reportagens e quando assim era Reinaldo pintava generosamente essa realidade cinzenta com cores vivas extraídas da paleta fértil da sua imaginação. Era essa, de resto, a marca inconfundível do seu génio de artista.

Mas Reinaldo Ferreira foi também um homem de letras; escreveu novelas, dramas, folhetins policiais. De notar que algumas das suas peças foram teatralizadas e outras transportadas para o cinema. E é um facto que pertenceu ao grupo dos chamados «Futuristas», onde pontificaram vultos como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Santa Rita Pintor e Mário de Sá Carneiro.

Em torno desta personagem, fascinante e multifacetada – jornalista, cineasta, dramaturgo, novelista – tentar-se-á, nas páginas seguintes, esquadriñar, tanto quanto possível, quem foi, afinal, Reinaldo Ferreira, quem foi o seu heterónimo, o famoso Repórter X, e o peso e o lugar que estas figuras e os seus respectivos escritos tiveram na história da nossa *Primeira República*, sobretudo a história literária e jornalística.

### **Breves Notas Biográficas**

No dia sete de Fevereiro de 1898 foi baptizada pelo pároco da freguesia de S. Mamede, da cidade de Lisboa, uma criança do sexo masculino, à qual foi dado o nome de Reinaldo d’Azevedo e Silva Ferreira, nascido nessa mesma cidade a 10 de Agosto de 1897. Desse baptismo existem duas notas de assento, sendo a primeira a do dia do acto, a qual dá Reinaldo como filho ilegítimo de Amélia de Azevedo Ferreira, e a segunda uma outra datada de 8 de Maio de 1906, que revogando a primeira, atesta que Reinaldo Ferreira é, afinal, filho legí-

timo de Luís Maria Ferreira e de sua mulher, Amélia Hermenegilda d’Azevedo e Silva Ferreira. Estranha e confusa situação (premonitória, dir-se-á, de uma vida marcadamente fora do comum) que nunca se chegou a aclarar mas que, tudo indica, estará relacionada com o feitio irrequieto e arredio do pai de Reinaldo. Ao que consta, o contabilista Luís Maria Ferreira não se conformava com uma vida pacífica em família e, decerto por isso mesmo, pouco depois do nascimento de Ângelo, irmão de Reinaldo, emigrou para Angola e depois para Paris onde acabou por morrer. De seu pai, terá Reinaldo herdado o temperamento aventureiro. Sua mãe, Amélia Ferreira, mostrou ser uma mulher de fibra, enfrentando sozinha a situação de criar e educar os filhos. Com sacrifícios e arrostando contra dificuldades várias ligadas a esses tempos agitados dos últimos anos da monarquia, conseguiu matricular os rapazes no Colégio Francês (mais tarde, Colégio Moderno), à Rua Álvaro Coutinho, em Lisboa.

Quando a República é implantada em Portugal, Reinaldo Ferreira é um adolescente loiro de treze anos de idade, pouco saído de corpo e atreito a doenças, mas possuidor dum raciocínio brilhante, de capacidade inventiva e criativa e dum espírito arguto, vivaz e extrovertido. Por esta altura, deslumbrado pela nova arte que é então o cinema, sonha com a realização de filmes com actores portugueses e com temas portugueses. Perseguindo o devaneio, começou a escrever artigos para revistas da *Sétima Arte* em França, Itália e Holanda, levando a sua audácia ao ponto de propor a rodagem de filmes em Portugal, com argumentos extraídos das obras de Camilo Castelo Branco. O curioso é que alguns desses artigos, embora escritos num francês sofrível, foram publicados e, facto não menos curioso, a determinado trecho, a revista da produtora francesa Gaumont nomeou-o seu correspondente em Portugal. Note-se a precoce capacidade de empreendimento de Reinaldo, então um rapazola com 13 anos de idade e, porém, já investido de importantes funções e com contactos nos meios grados do cinema europeu. Situação dificilmente imaginável. Há que dizer que a actividade de escrita do moço Reinaldo é, já por esta altura, impressionante. Com efeito, ao mesmo tempo que continua os seus estudos no Colégio Francês, funda, conjuntamente com dois amigos de infância, um jornal de bairro (*O Destemido*), vai escrevendo um romance naturalista (por isso foi alcunhado de Zola da Almirante Reis), elabora uma peça de teatro

(*O Príncipe Vendido*) e constrói um argumento para um filme por episódios, com o título de *O Rei Prisioneiro*. A par de tudo isto, colabora ainda num jornal minhoto.

Em 1913, após concluir o curso comercial no Colégio Francês, foi trabalhar para o escritório de uma fábrica de tecidos em Alcântara. Mas o ar gélido, que soprava das bandas do rio nas manhãs de inverno, e o ambiente saturado de poeiras de tecidos e de cheiro a tintas da fábrica, em breve se mostraram implacáveis inimigos do frágil Reinaldo que, dessa maneira fustigado, adoeceu com uma grave crise de bronquite asmática. A compleição franzina e delicada do jovem sucumbira às agressões conjugadas da intempérie e do ambiente fabril; de resto, também o seu feitio irrequieto e sedento de acção não se conciliava com o encafuamentos entre paredes lúgubres, às voltas com facturas, letras e outros papéis comerciais. Foi, por conseguinte, curta, essa primeira experiência profissional. Recobrado da doença, regressou aos seus desvários literários, produzindo então uma peça de teatro em três actos a que deu o nome de *Similia Similibus*, cujo texto se perdeu.

### **Jornalista, futurista e ás da reportagem**

312

Corria o ano de 1914, tinha rebentado a Primeira Guerra Mundial e numa conjuntura económica sombria, Reinaldo, então com 17 anos, teve de aprestar-se a ganhar a vida. Por um acaso, trava conhecimento, à mesa de um café, com Virgínia Quaresma, jornalista ao serviço de *A Capital*, e consegue que esta o apresente ao chefe de redacção, Hermano Neves. A este corifeu do jornalismo, Reinaldo propôs a criação de uma secção de crítica de cinema, trabalho para o qual se sentia perfeitamente habilitado. A proposta foi bem aceite e, pouco depois, os trabalhos do novel jornalista começavam a ser publicados em *A Capital* que assim se tornava no primeiro jornal da imprensa diária portuguesa a explorar o género.

Datam de 1915 os seus primeiros encontros com os «futuristas» da revista *Orpheu*. Tudo terá começado na cervejaria Jansen, com a cobertura jornalística de um anunciado Congresso de Artistas e Escritores da Nova Geração. Ouçamos o próprio Reinaldo:

“Entrei no Jansen, impando com a missão inesperada da minha reportagem. Ainda não fizera dezoito anos; mergulhara nas letras e no jornalismo dum salto leviano do instinto; esse instinto, por aguçar e por educar, fizera-me simpatizante dos novos scismas das artes e da literatura; acreditava neles numa fé irracionada, mas vindo da burguesia preconceituosa e afastada da pista dos conflitos intelectuais, não tivera ainda o menor contacto com as guerrilhas audazes da minha geração (...) Naquela época todos os dissidentes da monotonia ritual das artes e das letras eram acusados de futurismo pela Inquisição dos Dogmas comodistas e retrógrados; e ser futurista era rotular-se a si próprio de Ridículo, de Louco e de Indesejável. (...) Toda essa geração, geração de primeira linha, de primeira trincheira, foi sacrificada no circo romano dos Césares velhos. As ideias e os princípios que eles abraçaram triunfaram, mas esse triunfo que hoje suaviza a marcha da geração que lhes sucede já não os pode ressuscitar dos ventres das feras que os devoraram”. (...) Foi nesse Congresso de Protesto dos Futuristas que eu me relacionei com os franco-atiradores de minha geração... Estavam lá todos... Mário Sá Carneiro, o fundador do “Orpheu”, gorducho, de cabelo apartado ao meio, bigodinho negro, autor, anos antes, dum poema em que previa o seu suicídio «numa cidade cheia de nevoeiro, dum país do norte» - o que anos depois estoirou o crânio com uma bala, no seu appartement romântico de Paris, não sei se pela honradez de não pagar uma letra romântica, se por enfartadela de estupidez alheia; o Ferreira Gomes, miúdo, olhos glaucos, fatais, peito artificialmente côncavo, as mãos encafudadas nos bolsos das calças, um diletante de imitação das cabeças literárias, ora deixando crescer a barba e penteando-se, a recordar Alfredo de Musset, ora amputando o bigode até se transformar num Edgar Põe, em miniatura o seu autor predilecto; António Soares, franzino, falsamente fleumático, a dentadura mal coberta pêlos lábios finos, o indicador sempre curvado em sacudidelas sobre a cinza do cigarro; o Jorge Barradas, o “Barradinhas”, elegância cinematográfica, olhos azuis, cabeleira alourada e recorte craniano recordando a sua ascendência inglesa; o Viana, o “decadente”, cheio de saúde e de pujança, tórax inchado de lutador romano, e as mãos a repuxarem o cinto das calças, num gesto amarialvado; o “Stuart”, o maior caricaturista da geração, o terno estilizador da garotada, dos “Quins” e dos “Manecas”, o sensual modelador de pernas de mulher, plebeu, besuntão, a barba sempre crescida, o colarinho sempre sujo, os pés metidos para dentro; o Rui Coelho, germânico, de guedelha à Herr Professor! Óculos de pequenos cristais sempre mexidos e acertados pêlos seus dedos nervosos; o José Pacheco, parisiense, bar-gluch, magro, enluvado, arlequim dos gran-



des projectos do ópio, vestido pelas modas da alfaiataria que ainda não chegou a Portugal; o Correia da Costa, ribatejano ambicioso, a resumir todos os seus cálculos literários no sonho de caricaturista oral, para que fique dele um repertório volumoso de anedotas e de “touchés” sensacionais e maldizentes...; e o Santa Rita, pintor que... (...) É com Santa Rita, pintor, que eu quero preambular esta série de registos de magnézios do espírito da minha geração; das pilhas alegres da antropometria de um grupo de rapazes a quem se deve a europarização do Portugal do século XX e que, sacrificados, ficaram sob a ameaça do esquecimento ingrato e injusto, na balburdia confusa do cemitério da sua grande guerra – soldados desconhecidos sem homenagem. (...) Foi nesse Congresso de Protesto dos Futuristas que eu me relacionei com os franco-atiradores da minha geração... Estavam lá todos...<sup>2</sup>”.

A transcrição, porventura extensa, obedece à intenção de mostrar, por um lado, o modo como se processou a aproximação de Reinaldo ao *Movimento Futurista*, e, por outro lado, a impressão sentida e relatada na primeira pessoa, a simpatia que experimentava pelas novas ideias na arte e na literatura, a sua visão do conflito entre o «velho» e o «novo» e a forma colorida como descreve algumas figuras cimeiras do movimento, tudo isso visto à distância de catorze anos e com os trejeitos literários de um Reinaldo já maduro. Essa amizade com os futuristas fará com que, em 1923, Reinaldo não recuse a colaboração a um semanário de tendências fascistas denominado *O Portugal: Órgão da Acção Nacionalista*, fundado por alguns rostos do primeiro futurismo/modernismo, do tempo da revista *Orpheu*. Como é sabido, certos «poetas de Orpheu, futuristas e tudo»<sup>3</sup> deixaram-se contagiar, ainda que temporariamente, pelas ideias fascistas e pelos fascismos, à data em ascensão na Europa. Deste periódico somente saíram quatro números, sendo a colaboração dada por Reinaldo manifestamente contraditória com as posições públicas que assumiu em relação ao regime espanhol de Primo de Rivera. Num tempo de contradições, a de Reinaldo não foi a única; também a esforçada republicana Ana de Castro Osório haveria de colaborar neste mesmo periódico, gritantemente extasiada com «A Nova Fé Nacionalista». Ilusões que o tempo viria a destruir, mas que não deixariam de ter consequências.

<sup>2</sup> Repórter X, “Recordações da Geração Futurista”, in *Ilustração*. N.º 87. Lisboa, 1 de Agosto de 1929, p. 35-38.

<sup>3</sup> Cf. Almada Negreiros, *Manifesto Anti-Dantas...*



Desenhos de Stuart de Carvalhais, in: *Ilustração*. N.º 87. Lisboa, 1 de Agosto de 1929, p. 35-36. Fernando Pessoa, Santa Rita Pintor. Almada Negreiros e Mário de Sá Carneiro.

Entretanto as reportagens de Reinaldo Ferreira vinham a público em jornais como *O Mundo*, *A Opinião*, *O Século*, *A Manhã*, que as publicavam com as iniciais R.F. em rodapé. Sempre que saíam artigos de Reinaldo, as tiragens desses jornais aumentavam. Em 1917, sob o pseudónimo de Gil Goes, escreveu pretensas cartas ao director de *O Século*, para denunciar os «Mistérios da Rua Saraiva de Carvalho». Eram relatos de um crime horrendo, que metia bandidos embuçados, um cadáver e um vilão especial, designado por «o homem dos olhos tortos», enfim, narrações em folhetins que eram lidas com um misto de temor e de sofreguidão. Os leitores que iam seguindo a trama andavam tão atónitos e ansiosos que, a certa altura, o jornal achou mais prudente revelar a verdade. Tudo não passava afinal dum produto da imaginação fervilhante de Reinaldo Ferreira, porém, os folhetins prosseguiram até ao fim, sendo, posteriormente, compilados num livro com o título de *Os Mistérios da Rua Saraiva de Carvalho*, obra que o cineasta José Leitão de Barros adaptou ao cinema com o nome de «*O Homem dos Olhos Tortos*».

Foi *A Manhã* o primeiro jornal a imprimir, em 28/03/18, o nome de Reinaldo Ferreira com todas as letras, legendando os célebres artigos sobre a mendicidade de Lisboa. Para a realização destes, Reinaldo vestiu-se de farrapos, misturou-se com os verdadeiros mendigos e assim foi esmolando durante três dias e três noites. As reportagens que daí saíram foram publicadas com títulos tão apelativos quanto estes: «O Mendigo de Santa Justa» e «Quanto Rende a Esmola em Lisboa». Os leitores não perdiam pitada, bebendo avidamente os escritos de Reinaldo. Este também não os desapontava, oferecendo-lhes amiúde sensacionalíssimas novidades, algumas completamente inventadas, outras com um fundo de realidade profundamente tocado pela sua arrebatada e extravagante imaginação.

Lisboa era o palco onde Reinaldo se movia, essa Lisboa que percorria a pé, de táxi, de tipóia, de eléctrico. Ora subindo às suas colinas, ora descendo aos seus subterrâneos ou atravessando o Tejo até à outra banda em velhíssimos cacilheiros, idealizando, em mais um assomo futurista, uma ponte que ligasse as duas margens. A Lisboa das «casas assombradas, dos fantasmas e das aparições, como a «dama branca» que aparecia a certas horas da madrugada, como o célebre caso da «costureira que pedalava todas as noites», fazendo ouvir o ruído ritmado da

sua máquina de costura e ainda como o caso das «duas mãos decepadas» que apareciam no palacete dos Távoras, ao Campo Pequeno. Príncipes russos fugidos à *Revolução*, espões, aventureiros internacionais, burles, mulheres fatais... eram estas as personagens que faziam parte da galeria de heróis de Reinaldo. Os seus temas eram, preferencialmente, questões escaldantes da vida nacional, a espionagem e os casos de polícia. O mistério e o seu estilo de escrita eram os ingredientes certos da receita segura do êxito e das grandes tiragens.

Dessa forma elaborou reportagens, crónicas, novelas, teatro, cinema. Para os seus leitores essa obra, era, em si mesma, a possibilidade de fuga a uma realidade insípida, atravessada por desgraças providas da difícil conjuntura económica ou dos teatros de guerra de África ou da Europa. Reinaldo oferecia-lhes, quase diariamente, assuntos que os mantinham presos e expectantes do princípio ao fim. Quando a realidade não era suficientemente pródiga em acontecimentos, havia que os inventar ou «reporterxizar», como ele próprio, mais tarde, viria a dizer, alcunhando assim e com termo de sua autoria, essa sua “pulsão para confundir factos e ficções”.

Da temática policial destaca-se, como espelho do génio criativo de Reinaldo, uma reportagem que saiu a lume no dia 25 de Setembro de 1918 em *O Século* e se prolongou pelos dias seguintes até 2 de Outubro, em folhetins onde, numa prosa acutilante, as situações foram descritas com verosimilhança e larga abundância de pormenores. Sob a epígrafe *Lisboa Sangrenta / Um crime misterioso*, começa por divulgar uma pretensa carta anónima enviada ao director do jornal, dando conta de indícios de ter sido cometido um assassinio, cerca da uma da madrugada, numa pensão do n.º 178 da Rua dos Fanqueiros. Na carta, o delator afirmava: “A mulher, em camisa, defendia-se do homem, que lhe tapava a boca com uma mão, apertando-lhe a cabeça de encontro ao desvão da janela – enquanto com a outra tentava ferir-a com uma faca.”<sup>4</sup> No dia seguinte, prosseguindo com o título *O Século investiga / O mistério da Rua dos Fanqueiros adensa-se*, informa haver contradição entre as declarações da dona da pensão, uma tal Júlia Leal, e as do guarda-nocturno: de facto, enquanto aquela afirmaria não ter alugado o quarto em que, alegadamente, o crime teria tido lugar, este, ao con-

<sup>4</sup> *O Século* de 25 de Setembro de 1918, p. 1.

trário, asseveraria que um casal de estrangeiros, naquela noite e àquela hora, se dirigira à pensão. A 27, com *Novas revelações / O crime da rua dos fanqueiros*, lamenta a passividade da polícia e chama a terreiro uma nova testemunha, o pintor portuense Gonçalves Pereira, o qual declara ter sido ele a indicar a pensão ao casal de estrangeiros. Conclui-se, por conseguinte, que a «a dona da pensão oculta a verdade». No dia seguinte, 28 de Setembro, sobre *O crime da Rua dos Fanqueiros*, comenta que «há muito tempo que a população de Lisboa não tinha a oferecer-se, com todas as qualidades de interesse, um episódio como este» e fazendo a seguir uma arrumação e apreciação dos «factos», informa que a polícia já se encontrava a investigar e deixa no ar uma pergunta: *quem será a vítima?* No dia 30, *Fazendo luz / O crime da rua dos fanqueiros*, diz possuir informes de que a vítima poderia ser uma dama loira, que recentemente havia causado alguma sensação em Lisboa. O epílogo deste mirabolante caso dá-se a 2 de Outubro com um extenso cabeçalho: *O misterioso crime da Rua dos Fanqueiros / houve, realmente uma cena de sangue / Stuart Carvalhaes: o assassino / Reinaldo Ferreira: a vítima*. Retomando a forma de carta ao director, Reinaldo desfaz o imbróglio, dizendo que lhe ocorreu a ideia de encenar toda aquela trama somente com o intuito de provar serem verdadeiras algumas afirmações que havia produzido em artigo anterior e que haviam sido contestadas por um colega de profissão. Tratava-se da denúncia de que muitos crimes de roubo e de outra natureza, cometidos em hotéis e pensões de Lisboa, ficavam impunes, face ao silêncio a que se remetiam os proprietários que não queriam ver o nome dos seus estabelecimentos envolvidos em notícias policiais. Assim, com Reinaldo Ferreira (vestido de mulher e tendo na cabeça uma peruca loira) no papel de vítima, Stuart Carvalhaes como assassino, Armando Gonçalves Pereira como cicerone e com recursos a adereços diversos, entre os quais, o sangue de uma galinha, havia sido produzida a «fita» do *Crime da Rua dos Fanqueiros*, de inegável êxito, porquanto atingira plenamente o objectivo, isto é, para além do efeito retumbante da reportagem junto do público, ficavam provadas, como verdadeiras e pertinentes, as afirmações feitas por Reinaldo Ferreira.

Ainda em *O Século*, foi publicada, em primeira página, a 10 de Outubro de 1918, mais uma palpitante reportagem de Reinaldo Ferreira sob o título *Uma tragédia de amor?* Fazendo alusão a escavações re-

centes ocorridas no antigo Convento do Carmo, transformado então em quartel da Guarda Nacional Republicana, diz que foram encontrados, lado a lado, dois esqueletos, numa espécie de cripta existente sob um pilar. Acerca do macabro achado, um médico que observou os esqueletos teria dito que respeitavam a gente jovem de diferentes sexos. Mais não foi preciso para Reinaldo construir «uma dolorosa aventura de amor» em que dois amantes, vítimas da Inquisição, teriam sido entregues aos monges carmelitas e por estes fechados nos subterrâneos do Convento. Depois, em consequência do terramoto de 1755 ou criminosamente esquecidos pelos monges, os dois infelizes teriam morrido de fome, de sede, de escuridão. Adensando o mistério, insinua a existência de uma passagem secreta subterrânea entre o Convento do Carmo e o antigo Palácio da Inquisição (actualmente o Teatro Nacional D. Maria II). Tudo isso, num arrepiante arranjo dramático que se estende por dois episódios, deixando os leitores suspensos, em parte crucial da narração, para voltar ao assunto no dia 13 do mesmo mês.

A encerrar o ano de 1918, fazendo a cobertura jornalística do assassinato de Sidónio Pais para *O Século*, Reinaldo terá inventado a célebre frase «Morro bem... Salvem a Pátria!», pretensamente as últimas palavras do presidente assassinado. A verdade é que, tudo indica, Reinaldo não presenciou os acontecimentos da noite de 14 de Dezembro, e a frase terá sido, mais uma vez, um produto da sua imaginação. Existe, porém, alguma controvérsia acerca da autoria de tais palavras: David de Carvalho, no seu livro *Os Sindicatos Operários e a República Burguesa (1910-1926)*, afirmou que as mesmas são criação de Rocha Júnior, chefe de redacção do *Diário de Notícias*, enquanto que, para o parlamentar Feliciano da Costa elas devem-se ao «fecundo invencionismo» do capitão Cameira, oficial às ordens de Sidónio. O certo é que a frase apareceu a lume, pela primeira vez em *O Século*, em reportagem de autoria de Reinaldo que, no entanto, peca por contradição ao afirmar o seguinte: “[...] apontou um revólver niquelado com a dextra e disparou à queimadura três tiros contra o sr. Presidente da República, que, ferido mortalmente, sem dar um ai, caiu pesadamente aos pés do porteiro da estação, Anastácio Trindade [...]”<sup>5</sup>. E mais à frente: “E logo que a primeira bala

<sup>5</sup> *O Século* de 15 de Dezembro de 1918, p. 2.

o feriu, exclamou: - mataram-me...”<sup>6</sup>. Acerca do assunto e referindo-se a Reinaldo, diz Eduardo Sucena: “uma vez mais fez batota! A frase fora inventada por ele para dar maior força ao seu relato”<sup>7</sup>. Em artigo do jornal *O Público* de 10/08/97, assinado por Luís Miguel Queirós, assevera-se que Reinaldo Ferreira «não presenciou o sucedido e, ao que parece, o estadista tombou sem ter tempo de dizer seja o que for».

De tudo isto, importa reter que esta celeberrima frase, decerto inventada, ganhou foros de verdadeira e, como tal, foi citada, anos a fio, por vários autores e nos mais diversos escritos acerca de Sidónio Pais. E também é verdade que, sobre a mesma, é difícil contestar a autoria de Reinaldo Ferreira, já pela própria força da frase, já porque foi ele o primeiro a utilizá-la.

### Uma Carreira Internacional

Experimentando o desejo de ir até Paris, cidade luz e paraíso de artistas e boémios, Reinaldo Ferreira aceitou a incumbência de fazer a cobertura jornalística da primeira reunião da Sociedade das Nações, criada em Junho de 1919. Ao mesmo tempo levava consigo uma carta de apresentação de Virgínia Quaresma para Óscar de Carvalho Azevedo, jornalista brasileiro, responsável na capital francesa pela sucursal da Agência Americana. Aí chegado, foi-lhe cometida a missão de fundar uma sucursal dessa Agência em Madrid e outra em Barcelona, o que, Reinaldo consegue em pouco mais de um mês e com grande êxito. Seguidamente, Óscar de Azevedo enviou-o a Bruxelas para, na capital belga, instalar também uma sucursal da Agência Americana, o que, de novo, Reinaldo fez em pouco tempo, conseguindo ainda insinuar-se na imprensa local e colaborar com o jornal *Neptune* de Antuérpia. Cumpridas pois estas missões, tornou a Paris onde em breve se lhe juntou a mãe e a mulher – Reinaldo havia-se casado um pouco antes da sua partida de Lisboa para Paris e é nesta cidade que, algum tempo depois, nasce Yolanda, a sua filha.

Na ausência de Óscar de Azevedo, entretanto de regresso ao Brasil, fica Reinaldo à frente dos destinos da sucursal de Paris e torna-se

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>7</sup> E. Sucena, *Ob. Cit.*, p. 36.

colaborador dos jornais *Le Soir* e *Le Matin*, para os quais vai realizando reportagens sobre os excêntricos estrangeiros de Montparnasse, sobre os *bas-fonds* de Montmartre e também acerca da situação de alguns portugueses emigrados em Paris, atraídos, como ele, pelo fascínio exercido pela grande cidade e que, atingidos pela miséria, vagueiam pelo Campo de Marte e pela Torre Eiffel, roídos de saudades da Pátria. Este tema será depois desenvolvido na sua novela *Cinco Mil Francos por Mês*. Ao mesmo tempo vai produzindo sensacionais entrevistas, designadamente com o príncipe Nikitas do Montenegro, com o rei Alexandre da Sérvia e com o Xá da Pérsia. Toda esta actividade lhe rende grande popularidade e passa a relacionar-se de perto com nomes famosos na grande urbe parisiense: Mistinguett<sup>8</sup>, Blasco Ibañez<sup>9</sup>, Albert Londres (o rei dos repórteres franceses)<sup>10</sup>, Paul Bourget<sup>11</sup> e outros. Provém desse tempo uma amizade forte com o jornalista João de Sousa Fonseca que, mais tarde, seria director técnico da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

A dada altura, porém, o inconstante Reinaldo sentiu-se possuído pelo impulso incontrolável de fazer cinema e aí vai ele para Barcelona, atrás dessa miragem. Naquela cidade, onde o cinema espanhol começava a dar os primeiros passos, começou por produzir novelas que escrevia de rajada e que o jornalista Paco Madrid traduzia para castelhano. Por falta de tempo, nem todas eram traduzidas, constatando-se que (facto interessante) as que saíam com a escrita meio portuguesa, meio castelhana de Reinaldo Ferreira se vendiam mais. É que, o autocrático governador civil de Barcelona, General Martínez Anido<sup>12</sup>, proibira o dialecto regional e, sendo as abstrusas construções gramaticais de Reinaldo tomadas por idioma catalão, as novelas assim escritas vendiam-se como água, junto dos meios separatistas.

Quanto ao cinema não se pode dizer que as coisas tenham corrido muito bem para Reinaldo em Barcelona. Começou por, junto dos

<sup>8</sup> J. Bourgeois, artisticamente conhecida por Mistinguett (1875-1956) foi uma cantora e atriz francesa.

<sup>9</sup> V. B. Ibañez (1867-1928) escritor e político republicano espanhol.

<sup>10</sup> A. Londres (1884-1932) escritor e jornalista francês.

<sup>11</sup> P. C. J. Bourget (1852-1935) romancista e crítico literário francês exerceu grande influência nas letras francesas. Pertenceu à *Action Française*.

<sup>12</sup> S. M. Anido (1862-1938), militar partidário da Ditadura de Primo de Rivera. Foi Governador de Barcelona de 1919 a 1922.



Estúdios Montjuich, colaborar na montagem e encenação do filme *Arlequines de Seda y Oro*, do jornalista e literato catalão Amichatis. Depois entrou como actor numa película do cineasta Ramon Caralt, interpretando a figura de um médico sádico e malvado. A seguir conseguiu convencer Aurélio Sidney da Gaumont a rodar um filme em Barcelona, no qual ele, Reinaldo, era argumentista, cenarista e assistente do encenador. Os honorários eram altos mas aconteceu que Sidney, que era também o actor principal, adoeceu e morreu pouco depois, a quatro cenas do fim da película. Apesar da viúva de Sidney se dispor a honrar todos os compromissos assumidos com o filme, Reinaldo Ferreira nunca reclamou os pagamentos que lhe eram devidos.

Começaram as coisas a ficar um pouco difíceis em Barcelona, e por isso decidiu-se Reinaldo a ir para Madrid, todavia também aí pouco se demorou porque os violentos escritos por si produzidos no jornal *El Liberal* contra a ditadura de Primo de Rivera valeram-lhe a expulsão de Espanha. Regressando então a Lisboa, tinha à sua espera alguns notáveis do movimento futurista que, sabendo da sua vinda, haviam decidido homenageá-lo com um banquete no Café Imperial, na Praça dos Restauradores, em Lisboa. Nesse passo, fizeram-se fotografar com o homenageado vultos como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, José Pacheco e António Ferro.

Reinaldo continuava obcecado pelo cinema e porfiando, conseguiu obter da parte dos seus conhecimentos em Madrid os necessários meios para produzir, com argumento de sua autoria, o filme *O Groom do Ritz*, um drama policial que viria a ser estreado em Lisboa, a 17 de Julho de 1924. Tornara-se, por fim, um realizador; a este respeito da actividade de Reinaldo Ferreira como cineasta, é justo dizer-se que a história do cinema português terá de ver nele um dos seus principais pioneiros.

Entretanto, o jornal *A Tarde*, recentemente fundado, começou a publicar uma série de artigos, assinados por um misterioso *Repórter X*. Nessa tribuna denunciavam-se atrocidades cometidas em Espanha pela ditadura de Primo de Rivera. Quem seria o verdadeiro autor dos escritos? Ora, nem mais nem menos que Reinaldo Ferreira, ele próprio, que, explicando, disse que tal nome – Repórter X – resultara de um rabisco por si feito e interpretado daquela maneira pelo tipógrafo. Verdade ou mentira, o certo é que a denominação ganhou autonomia, acabando por se instituir como um heterónimo que logrou apagar o próprio autor ortó-

nimo, os seus pseudónimos e um outro heterónimo, o célebre repórter-detective Kiá, também ele uma criação de Reinaldo Ferreira. Durante algum tempo Reinaldo Ferreira e o Repórter X experimentaram uma amena convivência, dedicando-se o primeiro a algumas crónicas pouco contundentes e novelas pouco densas, enquanto que o segundo era o novelista do policial e dos grandes mistérios e o autor de fabulosas reportagens. Depois, com o decorrer do tempo, o Repórter X foi encurtando o espaço do seu criador.

Pela sua virulência, os artigos produzidos em *A Tarde* incomodaram o governo espanhol, levando-o a reagir por meio de uma nota oficiosa, que a breve trecho diz o seguinte: “Repórter X, ese niño periodista que há hecho de nosotros, com mucha gracia y algun talento, un gobierno de Scarpias...”<sup>13</sup>. Com a matéria destes artigos, Reinaldo elaborará o seu livro *A História da Ditadura Espanhola*.

A esta data, Reinaldo é já um jornalista conhecido nas principais cidades da Europa, nisso ombreando com os mais famosos jornalistas europeus do tempo. No ano de 1925, a revista ABC, dirigida por Rocha Martins, anunciava em grandes parangonas:

*O grande X do Mundo/ o Repórter X, Reinaldo Ferreira/ vai à Rússia enviado pelo ABC.*

De acordo com a notícia, o *Repórter X* partira rumo à Rússia soviética a 19 de Agosto de 1925, porém, o primeiro artigo somente vem a lume em 17 de Dezembro desse mesmo ano e, desde então e ininterruptamente, até 24 de Junho de 1926, seriam publicadas 24 reportagens, com os mais diversos e sugestivos títulos e, por vezes, recheadas de fotografias e/ou entrevistas. As edições e tiragens da revista ABC aumentavam e os exemplares eram ferozmente disputados, sempre se esgotando. E, no entanto, tudo não terá passado de mais uma sensacional cartada de Reinaldo, que restando em Paris, conjugará a sua portentosa capacidade inventiva com leituras do livro de Henry Béraud (jornalista parisiense do *Journal*, realmente ido ao país dos soviets em Maio de 1925) para assim arquitectar as suas famosas *Crónicas da Rússia*.<sup>14</sup> No seu livro, *O Fabuloso Repórter X*, Eduardo Sucena afirma que “[...] se tratou de um expediente jornalístico do imaginoso Repórter X, o mais

<sup>13</sup> A. Escaleira, “O Livro do Repórter X”, apud Eduardo Lucena, *Ob. Cit.*, p. 61

<sup>14</sup> Cfr. R. Nobre, *Singularidades do Cinema Português*, Porto, 1926, p. 192.

espectacular e bem sucedido de quantos a sua fantasia engendrou]”<sup>15</sup> e apresenta vários testemunhos – Roberto Nobre (Singularidades do Cinema Português); António Lopes Ribeiro (Reinaldo Ferreira e o Cinema); Mário Domingues (entrevistas) – todos eles garantindo que Reinaldo Ferreira jamais pusera os pés na Rússia. Parece pois que o único facto que não pode ser posto em dúvida é que as *Crónicas da Rússia* - publicadas sob o título genérico de *A Rússia dos Sovietes – Inferno? Paraíso?* - causaram enorme sensação e fizeram vibrar uma opinião pública que, na generalidade, aceitou as reportagens como genuínas.

Acerca da sua prolixidade e do alucinante ritmo a que produzia as suas peças jornalísticas, Reinaldo Ferreira em uma entrevista concedida a si próprio em *O ABC*, diz o seguinte: “Contento-me a ser leitor, ao mesmo tempo que escritor. Escrevo com a curiosidade de quem está lendo uma obra policial. Muitas vezes abanco à minha mesa sem ter um plano traçado. Dez minutos de reflexão e a reminiscência de um passado real da minha vida vagabunda bastam para semear todo o assunto. Depois lanço a pena numa correria sobre o papel e é ela que escreve. E eu leio, emocionado e impaciente por decifrar o mistério, como se fosse um leitor de verdade.”<sup>16</sup>

Em 1926, o tão falado e propalado caso do assassinio da popular actriz Maria Alves veio dar oportunidade a Reinaldo para exhibir a sua verve e o seu faro policiais. Nos finais do mês de Março, o corpo da desditosa actriz apareceu, caído de borco, numa valeta da rua Frei Francisco Foreiro, ao Regueirão dos Anjos. Dado que haviam desaparecido a carteira e as jóias, logo a polícia presumiu que se tratava de um assalto de «gravateiros», ou seja, asfixia da vítima com utilização da peça de vestuário chamada gravata. Escrevendo em *O Primeiro de Janeiro*, de imediato Reinaldo contrariou esta suposição da polícia, adiantando uma tese sua em que surgia como principal suspeito o empresário e amante de Maria Alves, Augusto Gomes. E não se ficando por aí, desenvolveu, por conta própria, uma investigação ao seu suspeito, apurando que havia no seu passado outras duas mulheres – a esposa, Virgínia de Jesus e uma sua amante, Piedade de Jesus, corista

<sup>15</sup> E. Sucena, *Ob. Cit.*, p. 72.

<sup>16</sup> A. Valdemar, “O mundo de Aventuras do Repórter X”, in *Diário de Notícias* de 9/8/97, p. 5.

do Teatro Avenida – também elas mortas em circunstâncias obscuras. A partir de tais indícios, as autoridades concentraram a sua investigação na figura do empresário Augusto Gomes que acabou por vir a ser incriminado e condenado pelo Tribunal da Boa-Hora a vinte e cinco anos de degredo.

Este foi um caso que apaixonou e emocionou, profundamente, a sociedade portuguesa da época, com Reinaldo Ferreira a pontificar em todo o desenrolar dos acontecimentos e, do ponto de vista jornalístico, a explorar hábil e intensamente a atenção dos leitores. Reinaldo aproveitará todo o enredo para, mais tarde escrever o romance policial *O Táxi 9297* (o assassínio fora cometido no interior de um táxi lisboeta com esse número) e com esse argumento, fazer um filme e uma peça de teatro, com o mesmo título. O táxi 9297, marca Citroen, que pertenceu à *Cooperativa dos Chauffeurs Palhinhas* foi retirado de circulação após o crime, acontecendo que “a chapa de matrícula, abandonada num cubículo da garagem, seria um dia furtada por um rapazote que a vendeu por cem escudos a um colecionador de espírito mórbido.”<sup>17</sup>

### As reportagens futuristas

*A Ilustração*, magazine da Bertrand, na sua edição de 1 de Agosto de 1926, continha uma crónica futurista, na qual, Reinaldo Ferreira, através de uma fantástica entrevista a uma não menos fantástica personagem, se abalançava a fazer descrições do que seria Lisboa, no ano 2000. Assim é que descreve o seu encontro, no Jardim de São Pedro de Alcântara, com o «Frégoli das Cidades», criatura por si inventada a partir da figura verídica de Leopoldo Frégoli, ilusionista italiano que se tornara célebre em toda a Europa pela estonteante rapidez com que, em palco, mudava de roupa, sem que os espectadores disso se apercebessem. E Reinaldo levou o aproveitamento ao ponto de criar o neologismo *frégolizar* que, frequentemente, utilizou com a significação de «dissimular» ou «modificar».

Ora, o «Frégoli das Cidades» era, na acepção criada por Reinaldo Ferreira, um especialista em arquitectura de grandes metrópoles e para

<sup>17</sup> E. Sucena, *Ob. Cit.*, p. 79.

que Lisboa se viesse a tornar uma moderna e importante capital, aconselhava imensas modificações, citando-se, a título de exemplo, as seguintes: o arrasamento de alguns quarteirões da baixa pombalina, por forma a ficarem alargadas as principais ruas – do Ouro, Augusta e da Prata; a ligação da passerelle do elevador de Santa Justa ao Castelo de São Jorge; a construção em Entrecampos de uma grande e moderna Estação Central; e a construção de novos bairros e transformação dos velhos em museus. Dentro da mesma temática, a *Ilustração* de 16 de Novembro desse mesmo ano continha outro tipo de sonho futurista, o das pontes transoceânicas. Aí se falava de pontes sobre o Canal da Mancha, sobre o Tejo (Lisboa – Almada), sobre o Estreito de Gibraltar e ainda de uma gigantesca ponte transoceânica que ligaria Lisboa a Boston, nos Estados Unidos da América. Nesta, o viajante embarcaria no alto do Monsanto, na imponente “Gare Europa – América” e, viajando em luxuosas e confortáveis composições puxadas por potentes máquinas a vapor, trinta e quatro horas depois chegaria ao seu destino, no Novo Mundo. Lisboa seria assim o principal entreposto da grande ferrovia transatlântica e, enchendo-se de pessoas de todos os cantos da Europa, seria também uma verdadeira metrópole internacional, com mais hotéis, dancings e cinemas que Londres ou Paris. Prosseguindo, a fixação de Reinaldo pelo cinema levou-o a escrever um artigo sob o título «E se fizessem em Portugal o Hollywood da Europa?». A partir daí as suas palavras deram forma a um imaginário projecto chamado *Cinelândia*. Situado em Alcabideche, quem para lá se dirigisse embarcaria na Estação Monumental de Entrecampos e, em eléctrico –expresso, atravessaria rapidamente Lisboa, Amadora e Queluz para, em breve, chegar à velha Alcabideche, agora transformada numa cidade luminosa, verdadeira «meca» do cinema com estúdios, avenidas, hotéis, diversões, estabelecimentos, tudo sobre o panorama de fundo da Serra de Sintra, convertida esta numa Beverly Hills. A crónica futurístico / ciné-fila espalhou-se por três números da *Ilustração*.

O que, aqui mais se destaca é a sua subtileza em rodear estes temas (já não inéditos) com uma magia e um sonho contagiantes, factores que proporcionavam uma leitura recreativa que os leitores muito apreciavam.

## Na cidade do Porto

No início do ano de 1927, Reinaldo Ferreira mudou-se para o Porto para trabalhar em *O Primeiro de Janeiro*, a convite do director, Jorge de Abreu. Acabado de chegar, logo um acontecimento lhe forneceu material para mais uma das suas inebriantes reportagens que saiu com honras de primeira página no diário portuense sob o título *É homem ou Mulher?* Explorando habilmente aspectos picarescos de uma relação lésbica entre uma funcionária de uma estação postal e uma médica, Reinaldo estende a sua reportagem por vários números do jornal, deixando sempre os leitores em suspenso. O assunto virá a constituir o argumento do seu filme *Rito ou Rita?*

Em breve, na *Invicta*, as pessoas se deixavam seduzir pela figura franzina, porém cheia de vivacidade, de um repórter que, deslocando-se de motocicleta, estava sempre no local do acontecimento e fornecia empolgantes notícias com uma graça e com uma frequência a que os leitores do norte não estavam habituados. Sentindo-se acarinhado e integrando-se rapidamente no meio portuense, Reinaldo monta casa na cidade e manda vir a família, sua mulher, Lucília e seus filhos Yolanda e Reinaldo Edgar, nessa altura com 8 e 5 anos, respectivamente.

No dia 2 de Fevereiro de 1927, ocorreu no Porto a mais séria tentativa de revolta contra a ditadura militar saída do 28 de Maio de 1926. O levantamento foi duramente reprimido pelos regimentos fiéis ao regime, nomeadamente Cavalaria 8 e Artilharia 5, ocorrendo a 8 de Fevereiro a rendição dos revoltosos comandados pelo general Sousa Dias. Cosido com as paredes e abrigando-se em vãos de escada, Reinaldo fez a cobertura dos acontecimentos com os seus relatos vibrantes a serem lidos com sofreguidão.

Todavia, nesse ano de 1927, estava-lhe reservada uma desgraça que iria contribuir decisivamente para o seu fim prematuro. É o caso que, Lucília, sua mulher, encetou uma ligação amorosa com um falso amigo e, Reinaldo sentiu profundamente a traição. O seu mundo afectivo ruíra em pedaços e com isso a sua estrutura mental fora intensamente abalada. Incapaz de lidar fria e racionalmente com a situação, começou por isolar-se e aturdir-se em morfina, e assim se foi afundando numa letargia que, somente com o tempo e com a ajuda dos amigos, conseguiu vencer. Pouco a pouco, voltou às suas actividades e à vida errante

de hóspede de hotéis, porém agora, com a seqüela de ser um inveterado consumidor de morfina. A droga não lhe diminuía as faculdades mentais, parecendo, pelo contrário, funcionar como catalisador das suas, já de si extraordinárias, capacidades de imaginação e de criatividade, no entanto, a períodos de super-excitação e grande produção sucediam-se outros de grande apatia.

Durante o ano de 1928 escreveu peças de teatro e guiões de revista e abriu no *Primeiro de Janeiro* uma secção denominada *Homens e Factos do Dia*, centrada em pessoas e acontecimentos. O público amava incondicionalmente o pequeno grande jornalista que era Reinaldo Ferreira e, como testemunho desse enorme apreço, as gentes sinceras do norte, em gestos espontâneos, presenteavam o seu ídolo com cinzeiros de prata, com pastas de cabedal, com queijos, com vinhos, com azeites, com presuntos e com outras ofertas. Entrementes, num hotel da Rua Sá da Bandeira onde se hospedara, Reinaldo trava conhecimento e inicia uma relação com uma jovem de origem galega, chamada Cármen Cal, aparentada com a família portuense Cal Brandão. Cármen sentira-se atraída pelo hóspede intranquilo e sonhador, umas vezes alegre, outras profundamente triste. Por sua vez, Reinaldo, face ao interesse e apoio da jovem, experimentara conforto e sentimentos de gratidão e de esperança num restabelecimento da sua vida afectiva.

Colaborava então com *O Povo*, diário republicano da tarde, com sede em Lisboa, e para esse jornal escreveu um artigo intitulado *O homem das libras de porcelana*, onde aludia às famosas libras de «camelote», alegadamente fabricadas em louça pela espionagem alemã, ao tempo da Primeira Guerra Mundial. Esse dinheiro falso teria sido utilizado para pagar géneros alimentícios fornecidos por uma rede de colaboracionistas portugueses através do Minho até à costa de Vigo, onde eram passados para bordo de submarinos alemães que aguardavam, ao largo. Mencionou como envolvido nestas operações um cambista de Valença do Minho, conhecido pela alcunha de «Cinco Minutos» e denunciou a ligação deste a alguns comerciantes do Porto. Mas, com estes escritos concitou contra si a animosidade de algumas entidades da Invicta, entre elas, um tal Francisco Borges que fazia parte do rol de proprietários de *O Primeiro de Janeiro* e que, nessa qualidade, impôs a saída de Reinaldo Ferreira do jornal.

No entanto, Reinaldo não desiste e volta ao assunto num semanário denominado *Homens e Factos do Dia*, por si criado em Barcelos, e também em *O Jornal do Repórter X*, outro semanário de sua autoria, acontecendo porém que ambas as publicações, erguidas de improviso e padecendo de incongruências várias (Reinaldo não era um organizador), não foram além de dois a três números. Ainda assim, não se deu por vencido e financiado pelo seu irmão Ângelo lançou-se na feitura de um novo semanário, desta feita em moldes mais organizados. E a 9 de Agosto de 1930 estava na rua o n.º 1 do *Repórter X*, tendo como director Reinaldo Ferreira, como administrador Ângelo de Azevedo e como chefe de redacção Mário Domingues. A nova publicação começou por ser impressa no Porto, mas em breve a tipografia se revelava incapaz de corresponder aos sucessivos aumentos da tiragem e a solução encontrada foi a transferência para Lisboa, passando a redacção a funcionar no Rossio.

Acompanhando o trajecto do seu semanário, Reinaldo Ferreira regressou a Lisboa, hospedando-se no hotel Francfort, mesmo ali ao lado da redacção do *Repórter X*. Com ele estavam sua mãe, D. Amélia Ferreira e os filhos Yolanda e Reinaldo Edgar, vindo Cármen Cal a juntar-se-lhes, um pouco mais tarde. Em Lisboa, Reinaldo Ferreira continuava a ser uma celebridade como jornalista e a redacção do *Repórter X* estava sempre cheia de pessoas que o vinham cumprimentar, oferecer serviços ou saber novidades. Dispondo da colaboração de vários profissionais, sinceros amigos de Reinaldo, tais como Rocha Martins, Belo Redondo, Américo Faria, Seródio, Stuart de Carvalhais, o semanário em breve se tornou um êxito, alcançando excelentes tiragens, facto que veio permitir uma estável situação económica. Todavia, uma ameaçadora sombra negra pairava sobre o céu azul de Reinaldo. É que, não conseguindo libertar-se do consumo de morfina, a droga ia progressivamente corroendo o corpo e a mente do brilhante jornalista, causando intermitências na sua actividade.

Em Novembro de 1930 partiu para Londres para fazer a cobertura do julgamento de Sir William Waterlow, gerente da Waterlow & Sons, Ltd., casa que imprimira as célebres notas de 500\$00 da monumental burla cometida por Alves dos Reis. As reportagens do famoso julgamento foram publicadas no *Repórter X* a 29 de Novembro e a 6 de Dezembro. E ainda teve tempo para fazer outras reportagens, bem à sua maneira, que saíram a público com os títulos de «Os Segredos



de Londres» e «O Club Clandestino dos Meio-Homens». Não obstante os êxitos alcançados, essa viagem e estadia em Londres foram-lhe imensamente penosas pois que já não conseguia viver sem a morfina. Conseguindo obter uma pequena dose com a ajuda de um médico inglês, ficou porém retido, aquando do regresso, numa cama em Paris, sofrendo terrivelmente com a falta da droga que, por fim, lá chega às suas mãos dentro de uma carta enviada de Lisboa.

Durante o ano de 1931, Reinaldo para além de levar à cena, no Teatro Ginásio, a sua peça *A Dama do Sud* e no Teatro Nacional uma outra sua peça denominada *1808 - Junot*, com Palmira Bastos na protagonista, publicou ainda no seu semanário uma verdadeira torrente de pequenos contos policiais, historietas um tanto horripilantes que iam ao encontro das preferências literárias de uma parcela significativa dos seus leitores. Vejam-se, a propósito, alguns dos sugestivos títulos:

*Os Cinco Cadáveres do Dr. Máximo; As Estranhas Aventuras do Dr. Z...; O Fantasma do Nicola; A Rua Sinistra; O Monstro de Guimarães; Um Crime no 13.*

Porém, vai-se então afundando, cada vez mais, no pântano escuro da morfina. Completamente alheado da vida, fica entregue a fantásticas elucubrações, isolado de tudo e de todos, nas paredes do seu quarto da Rua da Emenda. Somente o seu amigo Mário Domingues consegue, por vezes, arrancá-lo à cama e ao torpor em que jaz, quase permanentemente. Face às circunstâncias, ressentindo-se da falta do seu principal obreiro, o semanário *Repórter X*, que fora um sucesso na imprensa periódica portuguesa, começou a entrar em declínio. Mário Domingues e outros amigos e colaboradores começavam, lentamente, a retirar-se. Em Outubro desse ano de 1931, nasce o seu terceiro filho, Osvaldo, fruto da sua ligação com Cármen Cal.

No ano seguinte, cedendo aos insistentes pedidos de Cármen, mudou-se, de novo, para o Porto. Aí aconteceu, certa noite à porta do café *A Brasileira*, que o seu amigo António Pinto de Machado o apresentou ao Dr. Augusto Pires de Lima e este ficou interessado no quadro clínico de Reinaldo, conseguindo interná-lo na Casa de Saúde Portuense para uma cura de desintoxicação. Sujeitando-se aos tratamentos, começa lentamente a recuperar e ao fim de quatro meses, ele próprio se declarou, orgulhosamente, curado. Desta sua experiência escreve um livro a que deu o título de *Memórias de um Ex-Morfinómano*, obra em cuja

dedicatória se lê: “*À Carminho*. Este livro pertence-te – como te pertence o nosso filho. Foste tu, sem um lamento, sem um queixume, velando estoicamente as consumições com que a ameaça do meu soçobro de morfinómano golpeava a tua nobre alma de mulher – quem me estimulou para a cura (...) na íngreme caminhada da libertação do mal.”<sup>18</sup>

Aparentemente liberto da imperiosa necessidade de consumir morfina, esta deixara, contudo, marcas no seu corpo e no seu espírito. Como o próprio médico, Augusto Pires de Lima, dirá: “Curei-o fisicamente, mas não lhe restituí, fisicamente nem anímicamente o muito que tinha perdido”<sup>19</sup>.

### Ocaso e fim de um notável jornalista

Na verdade, Reinaldo estava reduzido a uma sombra daquilo que fora. Já não mais o repórter vivo, audaz, brilhante, sempre em cima da onda. O seu semanário, *O Repórter X*, sem o sopro mágico (agora apagado) do seu fundador, definhava lentamente, acabando por se extinguir a 28 de Junho de 1934, data em que saiu o seu último número.

Debatendo-se então com dificuldades económicas, regressa a Lisboa e hospeda-se no Hotel Americano, na Rua Primeiro de Dezembro. Tentou ainda uma derradeira jogada que foi a fundação do *X – Semanário de Grandes Reportagens*. Nos órgãos do novo semanário lá estavam, mais uma vez, velhos amigos como Américo Faria, Rocha Martins, Norberto de Araújo, Belo Redondo, Julião Quintinha, Stuart de Carvalhais e outros. Com este projecto, Reinaldo parece remogar um pouco e ele próprio diz sentir isso, ao afirmar, no editorial do primeiro número, o seguinte: “Quando um jornalista gera um jornal seu – vibra numa reacção de todas as energias remoadas – como um papá bajojo sobre um berço, gizando destinos imperiais para o seu filho... [...]”<sup>20</sup>.

Mas os tempos eram já outros, como diferentes eram também, agora, os leitores e, Reinaldo, na sua decadência, não apostou em quaisquer inovações, sendo que o novo semanário era, em tudo, igual ao *Repórter X*. Não obstante, a publicação vai saindo regularmente com as suas reportagens decoradas com títulos sedutores:

---

<sup>18</sup> *Ob. Cit.*, 1956.

<sup>19</sup> *O Diário Popular* de 28/1/74, p. 7.

<sup>20</sup> *Ob. Cit.*

«O Fantasma do Coliseu dos Recreios (parodiando o célebre Fantasma da Ópera)»; «Os Mistérios da Gare do Rossio»; «Os Grandes Policiais de Estado».

Anuncia no n.º 10 uma biografia – romance sobre Francisco Homem Cristo Filho, obra que, porém, não chega a sair porque Reinaldo já não teve tempo para a acabar. Homem Cristo Filho morrerá de um desastre de automóvel em Itália em 1929 e, nessa altura, Reinaldo, em jeito de elogio fúnebre, escrevera uma evocação, descrevendo, a traços largos, o homem cosmopolita e polémico e o jornalista e político que fora o falecido, terminando com estas palavras:” A Morte levou-o estupidamente. E da sua existência hipertrofiada e cintilante – resta agora só um corpo destroçado e sujo de sangue e os estilhaços do seu monóculo impertinente, símbolo irónico do seu aventureiro espírito...”<sup>21</sup>.

De facto e não obstante todas as adversidades, Reinaldo ainda era um homem com projectos de futuro e decerto tê-los-ia concretizado não fora um infeliz acontecimento que veio apressar, de forma drástica, o fim da sua tumultuosa existência. Não se sabe bem se cedendo à tentação se à infeliz sugestão de um falso amigo, Reinaldo injectou-se com morfina no seu quarto do hotel Americano e a partir desse momento, caído mais uma vez nas garras do vício, a sua sorte ficou inexoravelmente traçada. Carmén afasta-se dele, levando consigo Osvaldo, o filho de ambos. Reinaldo enceta então uma existência terrivelmente penosa, lutando desesperadamente, caneta na mão, pela sua sobrevivência e pela de sua mãe e a dos outros dois filhos do primeiro casamento. Conseguiu ainda fazer subir ao palco do São Luís, a sua peça em quatro actos, *O Homem que Mudou de Cor*, porém o seu fim aproximava-se rapidamente.

Quando a morte veio procurá-lo, às nove horas e meia do dia 4 de Outubro de 1935, o velho e intrépido soldado das guerras jornalísticas, Reinaldo d’Azevedo e Silva Ferreira, O Repórter X, estava no seu posto, de caneta na mão, escrevinhando, escrevinhando sempre...

---

<sup>21</sup> R. Ferreira, “Cemitério da Glória e da Saudade”, in *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, n.º 3, Julho/Agosto e Setembro /1941, p. 57.

## Conclusão

Ao longo das páginas anteriores descreveram-se, a traços grossos, a pessoa, a obra e a vida alucinante dessa tão curiosa personagem que foi Reinaldo Ferreira, O Repórter X. Se considerarmos que os homens são produtos do seu tempo, essa consideração aplicar-se-á sem reservas à personagem, posto que, a sua vida foi tão agitada quanto agitados foram os tempos em que viveu e desenvolveu a sua actividade de jornalista – esse período frenético da nossa história que vai da implantação da República até ao 28 de Maio de 1926.

Numa altura em que a profissão e a carreira de jornalista era uma aprendizagem de tarimba feito, construído e cimentado ao longo de anos, a partir das experiências colhidas do contacto directo com as coisas, com as pessoas, com os factos, é impressionante notar que Reinaldo chega ao jornalismo e parece saber já tudo acerca da profissão, ou melhor, parece já saber como é que se faz um jornalismo outro, perfeitamente enquadrado no tempo. E, não se pode dizer, longe disso, que aterrou numa terra de cegos, posto que, é um dado insofismável que à época havia excelentes profissionais de imprensa.

Mas, vimos que, a par desses seus extraordinários dotes de jornalista de craveira internacional, ele foi também um notável novelista, sobretudo novela policial, e escreveu, com êxito, argumentos para cinema e peças de teatro. A sua identificação com o movimento estético de ruptura denominado «futurismo» ou «primeiro modernismo» não se resumiu ao plano sentimental (embora tivesse algo disso), posto que se assumiu ele próprio como um intérprete dessa escola, sobretudo com as suas engendradas reportagens e entrevistas ao «Frégoli das Cidades», ou o «fregolismo», como disse, em termo por si inventado. Na sua essência, algumas dessas suas visões de futuro vieram, com o tempo, a tornar-se realidades concretas: a ponte sobre o Tejo, a transformação da do antigo *Passeio Público* na Avenida da Liberdade, rasgada e moderna, a gare ferroviária de Entre-Campos, o aeroporto em Lisboa e as viagens aéreas rápidas para o Porto. O Repórter X é um ficcionista nato, as suas reportagens são o produto mesclado da realidade (quando esta existe) e da sua imaginação e criatividade. O público sabe disso e, todavia, consome avidamente os seus escritos. Talvez que tal se explique no facto de o ser humano precisar do sonho e da evasão como formas de escape a uma realidade monótona ou cruel. Reinaldo ou o Repórter

X forneceriam o catalisador necessário para que tal fuga se realizasse, perfeita. Alienação? Sem dúvida! Mas onde é que o mundo é somente razão e objectividade? As suas novelas policiais criavam ambientes tremendos, personagens misteriosas ou horrendas, enredos intrincados, tudo isso acontecendo nas duas cidades maiores de Portugal, Lisboa e Porto. Compreende-se quanto o povo dessas cidades ficava suspenso, expectante desses fantásticos acontecimentos, de episódio para episódio, com isso se criando uma relação dialéctica entre autor e leitores.

Na arena da política nacional de então, não é muito distinto o posicionamento de Reinaldo Ferreira. Haverá, todavia, indícios que apontam para uma fé republicana. Lembremos que os jornais por onde passou – *A Capital*, *O Mundo*, *A Opinião*, *O Século*, *A Manhã*, *A Tarde*, *O Primeiro de Janeiro* – eram, todos eles, jornais republicanos e, conhecendo-se o ambiente político do tempo, não é crível que aceitassem, nas suas respectivas redacções, alguém que fosse ideologicamente contrário às suas linhas editoriais. Por outro lado, recordem-se os artigos produzidos por Reinaldo, ou Repórter X, quanto à ditadura de Primo de Rivera. Na verdade, a virulência dessas críticas quase deram lugar a um incidente diplomático em as duas nações ibéricas.

334

No plano das realidades e realizações pessoais, estamos todavia perante um espírito inquieto que não se fixa, que requer mudanças. E, por isso, o vemos em deambulações permanentes. Quanto a esse aspecto, o que mais impressiona é a sua capacidade de adaptação e o seu talento em fazer amizades e a congraçá-las para os seus projectos. Daí que as redacções dos seus jornais estivessem sempre cheias de amigos e de colaboradores.

Homem de afectos, não soube resistir a decepções profundas que, muito provavelmente, a sua vida agitada proporcionou. Mergulhou então no antro negro da droga. Socorrido por uma mulher-anjo, logrou durante um tempo libertar-se do flagelo.

Depois a recaída e uma viagem sem regresso.

## **Bibliografia**

### **Jornais**

*Diário de Notícias*

*Diário Popular*

*A Ilustração*

*O Público*

*O Século*

### **Estudos**

J. Lima – *O Porto do Repórter X*, Porto : Campo das Letras, 2004.

R. Nobre – *Singularidades do Cinema Português*, Porto : s. e., 1926

M. Rego; L. Sá (coordenação e organização) – *Reinaldo Ferreira, Repórter X*, Lisboa : Edição da Câmara Municipal, 1988.

I. Rocha – *O Repórter X e os Futuristas*. 1.<sup>a</sup> edição, Lisboa : Câmara Municipal, 2001.

A. J. Saraiva; O. Lopes – *História da Literatura Portuguesa*. 10.<sup>a</sup> edição, Porto : Porto Editora, s.d.

E. Sucena – *O Fabuloso Repórter X*, Lisboa : Edições Vega, 1996.